



# VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

## 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios [AT]

---

**ENOBRECIMENTO LITORÂNEO: A CONSTRUÇÃO DO AZUL-MAR DA ORLA DE ATALAIA**

---

---

PEREIRA, Simone  
Doutoranda em Sociologia  
Universidade Federal de Sergipe  
[simonearaujo@gmail.com](mailto:simonearaujo@gmail.com)

---

### Resumo

Considerando a proposta de discutir e comparar intervenções urbanas que alteram os usos do espaço ao tempo em que redireciona tais usos e mesmo os usuários, a presente reflexão propõe-se a pensar as ressonâncias práticas e simbólicas de intervenções em áreas litorâneas. O objeto empírico da análise é a “Orla de Atalaia”, localizada na cidade de Aracaju, estado de Sergipe, no Nordeste Brasileiro. A praia de Atalaia recebeu, a partir da década de 90, intervenções urbanas que alteraram os usos estabelecidos no espaço e proporcionaram a configuração de uma Orla fisicamente estruturada. Este espaço passou a configurar novas práticas e possibilitou a inserção da cidade de Aracaju no circuito turístico do Nordeste, antes impossibilitada pela coloração escura das águas do mar. A estratégia política, que permitiu a exploração econômica do local, orientou-se pela construção de um espaço com forte apelo visual, típico dos processos de gentrificação, estimulando usos voltados ao consumo e ao lazer. O processo de intervenção seguiu duas intenções: 1) alterar a imagem da cidade mediante a requalificação da paisagem do espaço da praia; 2) criar um espaço ordenado e atrativo às práticas de consumo, lazer e turismo. A consolidação da primeira intenção possibilitou a inserção da cidade de Aracaju no circuito turístico nordestino. Conquanto, a intenção de ordenamento do espaço, embora consideremos a diversidade de possibilidade de usos, possibilita a formação de territorialidade e a configuração de contra-usos (Leite, 2007). Assim, a Praia de Atalaia, que tem sido alvo de um extenso e inacabado processo de intervenção urbanística e arquitetônica que resulta na alteração da paisagem urbano-ambiental, transformou-se na Orla de Atalaia, sendo este um aglomerado difuso, com edificações variadas, destinadas a diferentes usos e finalidades. Neste sentido, o presente trabalho nos fornece elementos para pensar as intervenções urbanas em zonas litorâneas e a reorientação dos usos da cidade, uma vez que este espaço se tornou uma centralidade da cidade de Aracaju.

### Abstract

Considering the proposal of discussing and comparing urban interventions that alter the uses of space at the time that redirects such uses and even users, this reflection proposes to think of the practical and symbolic resonances of interventions in coastal areas. The empirical object of analysis is the “Orla de Atalaia”, placed in the city of Aracaju, state of Sergipe, in the Brazilian Northeast. Atalaia beach has received, from the 90's, urban interventions that has altered the established uses in space and has provided the configuration of a physically structured coast. This space has started to configure new practices and enabled the inclusion of Aracaju in Northeastern tourist circuit, which hadn't happened before because of the dark color of the sea. The political strategy, that had allowed the economic exploitation of the place, was guided by the construction of a space with a strong visual appeal, typical of the processes of gentrification, stimulating uses aimed at consumption and leisure. The process of intervention followed two intentions: 1) alter the image of the city according to the requalification of the landscape of the beach space: 2) create an orderly and attractive space to the practice of consumption, leisure and tourism. The consolidation of the first intention has enabled the inclusion of Aracaju in Northeastern Brazilian circuit. The intention of spatial arrangement, although it's considered the diversity of possible uses, has enabled the formation of territoriality and the configuration of counter-uses (Leite, 2007). So the Atalaia Beach, which has been the aim of an extensive and unfinished process of urban and architectural intervention that has resulted in the alteration of the urban- environmental landscape, became “Orla de Atalaia”, a diffuse cluster, with varied buildings, designed for different uses and purposes. In this sense, this article provides the elements to think about urban interventions in coastal area and the reorientation concerning the use of the city, as this space became the central of the city of Aracaju.

Palavras-chave: Enobrecimento; Litoral; Orla; Urbanização.

Keywords: Gentrification; .Coast; Urbanization.



## Introdução

O processo de intervenção urbana em zonas litorâneas é um movimento crescente na costa brasileira. As intervenções modificam a paisagem ao tempo em que há uma promoção turística do aspecto sobreposto, o que no caso específico de zonas litorâneas, consiste na planificação alicerçada das faixas de área, na medida em que procede uma valorização do espaço enquanto praia, que perdeu seu aspecto natural diante da intervenção. Neste sentido, e considerando a proposta da secção temática do VIII Congresso Português de Sociologia de discutir e comparar intervenções urbanas que alteram os usos do espaço ao tempo em que redireciona tais usos e mesmo os usuários, a presente reflexão propõe-se a pensar as ressonâncias práticas e simbólicas de intervenções em áreas litorâneas.

O objeto empírico da análise é a “Orla de Atalaia”, localizada na cidade de Aracaju, estado de Sergipe, no Nordeste Brasileiro. A praia de Atalaia recebeu, a partir da década de 90, intervenções urbanas que alteraram os usos estabelecidos no espaço e proporcionaram a configuração do que passa a ser definido como Orla, ou seja, o espaço fisicamente estruturado a partir da construção e da instalação de equipamentos que alteraram toda a paisagem que antes se percebia natural.

Este espaço passou a configurar novas práticas e possibilitou a inserção da cidade de Aracaju no circuito turístico do Nordeste, antes, afirma os governantes da época, impossibilitada pela coloração escura das águas do mar. A estratégia política, que permitiu a exploração econômica do local, orientou-se pela construção de um espaço com forte apelo visual, típico dos processos de *gentrification*, estimulando usos voltados ao consumo e ao lazer. O processo de intervenção seguiu duas intenções: 1) alterar a imagem da cidade mediante a requalificação da paisagem do espaço da praia; 2) criar um espaço ordenado e atrativo às práticas de consumo, lazer e turismo. A consolidação da primeira intenção possibilitou a inserção da cidade de Aracaju no circuito turístico nordestino. Conquanto, a intenção de ordenamento do espaço, embora consideremos a diversidade de possibilidade de usos, possibilita a formação de territorialidade e a configuração de contra-usos (Leite, 2007).

Para tanto, descrevo o processo de intervenção a partir da descrição das paisagens que definem o espaço que se alterna entre Praia de Atalaia à Orla de Atalaia. O levantamento de imagens realizado apresenta uma área que se forma ao longo do século XX, que perpassa pela formação geomorfológica - um espaço vazio, seguindo a atribuição de um espaço praiano e, por fim, a configuração orla. É um processo que transita da continentalização à urbanização.

Assim, a Praia de Atalaia, que tem sido alvo de um extenso e inacabado processo de intervenção urbanística e arquitetônica que resulta na alteração da paisagem urbano-ambiental, transformou-se na Orla de Atalaia, sendo este um aglomerado difuso, com edificações variadas, destinadas a diferentes usos e finalidades. Neste sentido, o presente trabalho nos fornece elementos para pensar as intervenções urbanas em zonas litorâneas e a reorientação dos usos da cidade, uma vez que este espaço se tornou uma centralidade da cidade de Aracaju.

## 1. O processo de transformação do litoral

As zonas praias de Aracaju podem ser consideradas uma indexação recente à cidade, não apenas por considerar os usos e os fluxos de pessoas nesta região, mas também pelo processo natural de sua formação. Assim, a construção de uma narrativa que verse sobre a constituição do que reconhecemos na atualidade como “Orla de Atalaia” perpassa pela compreensão inicial do que se entende por orla, do ponto de vista dos processos naturais e antrópicos, considerando que a orla está inserida em uma área de complexo desenvolvimento natural, abarcado por desdobramentos sócio-ambientais.

Neste sentido, inicia-se a compreensão do processo de formação da “orla marítima”<sup>1</sup> com um retorno ao século XIX, em paralelo ao processo de formação urbanístico da cidade de Aracaju. Um estudo<sup>ii</sup> realizado em 1963 versa sobre o processo de formação da região da “Coroa do Meio”, onde se localiza a Orla de Atalaia, do ponto de vista geográfico e sobre a disposição geomorfológica do local, pode contribuir ao reconhecimento do processo inicial de formação da região. A autora se debruça ao entendimento do processo de continentalização das coroas, que

posteriormente dá nome ao bairro, bem como da instabilidade das ondas do mar, o que se configuraria em praia, e posterior compreensão desta região como zona praias.

As dunas, então denominadas de “Crôa do Meio” e de “Crôa Nova”, sendo esta última assim denominada por ter surgido posteriormente à Coroa do Meio, tornam-se então parte do continente e inicia-se o processo de junção de ambas, tecnicamente explicado pela autora, que viria a formar o que temos hoje por bairro “Coroa do Meio”.

Este processo de formação das crôas ou coroas é também corroborado por estudos realizados no ano de 2003 por técnicos contratados pelo governo do Estado, cujo objetivo atentava ao processo de formação da região, denominado Relatório Ambiental Simplificado (RAS),

A formação geológica-geomorfológica da Atalaia [...] que resultou na construção de uma planície de restinga, fundamentada em cordões litorâneos tipo faixas arenosas depositadas paralelamente à praia, alongadas e soldadas com base nas duas coroas. Na sua evolução, a restinga sobrepôs o nível normal das marés e sua forma paralela e sucessiva foi formando a planície de marés que evoluiu para o sul, barrando a embocadura e dificultando o livre acesso do rio Sergipe e do rio Poxim ao mar pelo canal sul, [...] se consolidando dessa forma a posição atual da Barra do rio Sergipe que é hoje entre a Coroa do Meio e a Atalaia Nova. Com a degradação natural e fechamento da embocadura sul, a Coroa do meio foi sendo, por processos morfológicos, incorporada à margem direita desse rio (RAS, 2003, p.28).

Assim, é possível considerar o longo processo de formação da área marítima da cidade, bem como o estabelecimento de zonas praias com o nivelamento das dunas, o que viria possibilitar o processo de povoamento da região. Até então não havia nenhum tipo de uso social na região, desprovido de sentido e de significação social. É esta uma fase de continentalização de uma região que antes era recoberta por águas.

O espaço continua inabitado por alguns anos. A cidade de Aracaju não se estende até a região das crôas, planejada para ser a capital de Sergipe, fato que se concretizou em 1885, quando São Cristóvão perde o status de capital do Estado, desenvolve-se a partir de áreas mais centrais da cidade. A região que posteriormente seria dividida em dois bairros, o Coroa do Meio e o Atalaia, não fizeram parte do projeto inicial da cidade, principalmente pelo fato de ser esta uma área isolada, circundada pelo rio Sergipe, pelo mar e pelos manguezais. Embora, haja também relatos de que este fato não teria impedido um fragmentado povoamento da região.

Antigos moradores da Atalaia sustentam o entendimento do povoamento anterior à transferência da capital do Estado, afirmam que o fato de esta região estar isolada não seria motivo para que não houvesse povoamento. Segundo relatos<sup>iii</sup> de moradores antigos do bairro, antes mesmo da transferência da capital de Sergipe, já existiam moradores na região. Relatam que o local era conhecido como povoado “Saquinho”, a iluminação artificial era através de candeeiros, as famílias de pescadores viviam em palhoças construídas sobre as areias e os alimentos eram preparados em fogões à lenha.



Figura 1 - Banhista na Atalaia/1920. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo ITBEC

Registros mais antigos da região sugerem ser de 1920. Há ainda relatos de que os primeiros usos teriam sido de banhistas, cujas fotos, datadas à caneta, registram em seus versos serem de 1920. Sabe-se apenas que a praia já era utilizada por alguns poucos aracajuanos, pelo menos a partir da década de 20, mesmo que esse acesso tenha sido em barcos - como demonstra a foto, ou em cavalos - quando a maré baixava segundo relato de antigos moradores publicado no “Jornal da Cidade”. Neste período não havia nenhuma infraestrutura para os banhistas, nem mesmo acesso, como relatado.



Figura 2 - Banhistas na Atalaia - 1920. Foto: Autor desconhecido. Fonte: acervo do Instituto Tobias Barreto

Assim, o Bairro Coroa do Meio começa a ser estruturado, como também a bifurcação que culmina no bairro Atalaia. Segundo acervo *on-line* da Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA), em 1932 a prefeitura teria inaugurado uma praça que foi construída no bairro Atalaia, o espaço foi denominado de Praça Alcebiades Paes, a comemoração de inauguração teria sido com regata, festa e com a presença de representantes do governo municipal.

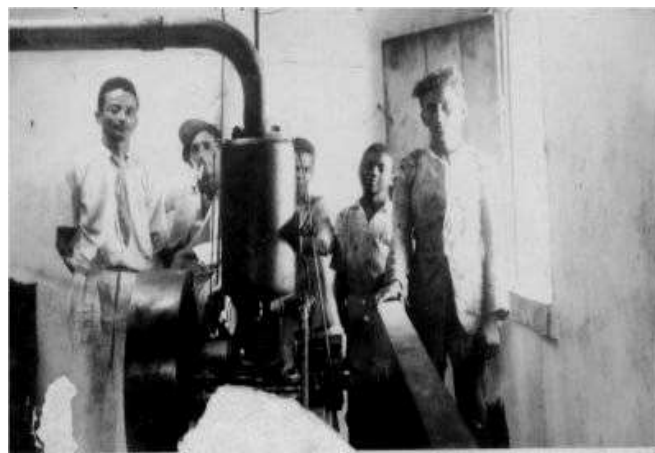


Figura 3 - Motor a diesel. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico Prefeitura Municipal de Aracaju.

Anos depois, em 1938, o então povoado Atalaia, teria sido iluminado através de um motor movido a diesel que foi instalado na região, ainda segundo o mesmo acervo *on-line*. Mesmo com esse equipamento o acesso ainda era limitado, como vimos anteriormente, e as ruas não tinham calçamento.

Em relação à região das coroas que mais interessa - a praia de Atalaia - era uma região típica de zonas litorâneas, com áreas, dunas e vegetação característica.



Figura 4 - Mureta de Proteção. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico.

Segundo reportagem publicada no Jornal Cidade de 1997, a praia só começa a ter maior fluxo de banhistas a partir de 1940. A região era vista como um balneário, e os Aracajuanos “veraneavam” em sítios e passavam o dia inteiro na praia.

Nesse período havia muitos acidentes, segundo Luiz Antônio<sup>iv</sup>, em decorrência da falta de delimitação entre carros e banhistas, o que teria motivado a construção de uma mureta para conter o fluxo de carro na areia da praia, diminuindo, assim, os acidentes. Tendo sido esta a primeira estrutura física erguida na praia de Atalaia que se tem registro, uma pequena mureta, a qual continha escadas para acesso dos banhistas à praia.

Maiores investimentos públicos não foram realizados na região até a década de 70. Isto porque, até 1978, Aracaju não tinha praia no sentido burocrático, ano em que a União doa a região das crôas à prefeitura Municipal. A partir de então se iniciam as grandes intervenções urbanísticas na região, bem como o processo de construção da Orla de Atalaia.

É também neste período que é criada a Empresa Municipal de Serviços Urbanos (EMSURB), justificada pela necessidade de intervenções nesta área, a empresa, portanto, tem a obrigação de transformar toda região da Coroa do Meio e da Atalaia.

Diferentemente de outras regiões da cidade, o bairro Coroa do Meio e Atalaia possuíam leis de uso e ocupação do solo (Loureiro, 1983), “essa lei resguardava o caráter elitizado da área” (1983, p. 90). Embora a legislação proibisse a construção de prédio com mais de 8 metros de altura, segundo Vera França, estrategicamente foi construído “um novo farol [...] localizado na Coroa do Meio, com cerca de 20 metros de altura [...] o novo farol amplia as possibilidades de verticalização da Atalaia e da Coroa do Meio e da Avenida Beira-Mar” (França, 1999, p 204)

O processo de urbanização desta região, que evidenciava o turismo, foi considerado um dos fatores que contribuiu ao processo de urbanização da cidade, durante a década de 70 no qual houve incentivos financeiros da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e do Banco do Nordeste ao desenvolvimento

turístico da região, “o turismo deixava a desejar [...] não possuía infraestrutura adequada para receber estes turistas, visto que além de não ter uma quantidade de hotéis bem localizados, na orla marítima também não havia uma atuação do Governo do Estado de modo a promover esta atividade” (França, 1997, p.116)

Mas, somente na década de 80 a orla marítima de Aracaju começa a ser alvo de intervenções urbanísticas. Em 1980, o então prefeito de Aracaju, Heráclito Rollemberg, juntamente com o então governador do estado, Augusto Franco, inauguraram o calçadão da praia de Atalaia. É o início das longas e inacabadas transformações que esse espaço abarcou nos últimos 30 anos.

O jornal da Cidade de 12 de abril de 1980 relata a inauguração e descreve os “benefícios” recebidos pela Orla:



Figura 5 - “Nova Atalaia”. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Jornal da Cidade, 1980.



Figura 6 - Quiosque e Iluminação da Nova Atalaia. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Jornal da Cidade, 1980.

Na obra do novo Calçadão da Atalaia foram gastos cerca de Cr\$ 28.000.000,00 (Vinte e oito milhões de cruzeiros). Conta com uma extensão de 2.400 metros por 8 metros de largura. 51 postes de iluminação com 17 metros de altura, equipados com luminárias circulares Siemens com 06 lâmpadas de 400 watts cada, além de quadras para prática de futebol e outros esportes. (Jornal da Cidade nº. 2.260 - 12/04/1980.)



Figura 7 - Cartão Postal de Aracaju, 1990. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo do Instituto Tobias Barreto.



A praia de Atalaia recebeu um calçadão com poucos quiosques, que não dispunha de lugares adequados ao assento de visitantes, apenas para consumo em pé, junto às barracas. Contendo uma calçada de 2,4 quilômetros e iluminação, como relata a matéria de jornal.

Nos anos seguintes o fenômeno natural de recuo de água, constante na região, é acentuado na década de 90, o que possibilita o surgimento de uma extensa faixa de terra ao longo da praia de Atalaia, como é possível observar no cartão postal datado de 1990. Segundo o RAS, “a regressão marinha e a deposição de sedimentos permitiu que a faixa do supra litoral se estendesse em muitos pontos em quase mil metros.” (RAS, 2003)

Em 1992, o então governador do Estado de Sergipe, João Alves Filho, interessado no desenvolvimento turístico do Estado, resolveu fazer novas intervenções urbanísticas na Orla.

Em entrevista fornecida ao Jornal Gazeta de Sergipe, em novembro de 1992, após retornar de viagem institucional, na qual visitou os Estados Unidos, o então governador aponta o objetivo que teria sido discutido, juntamente com outros governadores de outros estados do nordeste: um projeto apresentado pelo Banco Internacional do Desenvolvimento (BID), cujo conteúdo apontava a uma “integração turística de toda região nordestina” (Jornal da Cidade nº. 2.270 - 12/04/1992). Os investimentos, segundo esta mesma matéria jornalística, seriam tripartidos entre o BID – que financiaria o montante de US\$ 750 milhões, os Estados – também com US\$ 750 milhões e a Iniciativa Privada - com US\$ 1,5 bilhão.

O então governador afirmou que seria este um projeto ambicioso e que o objetivo seria “transformar o nordeste, em médio prazo, num grande polo de atração turística, chegando a um novo Caribe” (Jornal da Cidade nº. 2.270 - 1992). A expectativa era que a assinatura dos contratos não demorasse, e até o final de 1993 os projetos já estivessem encaminhados.

Um dos técnicos que integra a equipe de projetistas da Orla marítima, a convite do governador, não havendo processo licitatório, é o arquiteto porto-alegrense Eduardo Carlomagno, que ficou com a incumbência de pensar e projetar as novas intervenções da Orla.

O objetivo geral do projeto da Orla de Atalaia, segundo o próprio Carlomagno, é mesmo de higienização do espaço, e quando perguntado sobre a manutenção de aspectos regionais que estivessem impressos na praia de Atalaia, afirmou claramente que o objetivo era não valorizar nada que existia, ao contrário, era de fato mudar o jeito dos que ali estavam. No memorial descritivo<sup>v</sup> da orla o arquiteto expõe sua compreensão e possibilidades presentes em suas obras.

Vivemos de uma forma múltipla, muitas de nossas atividades se fazem simultaneamente a outras. À velocidade mecânica se incorpora uma nova perspectiva temporal, com novos elementos, não necessariamente físico e muitas vezes *midiáticos* ou tecnológico-digitais, que não tem a base física e material como suporte cultural. Mudança de paradigma. A produção arquitetônica também tem seu interesse como resposta a esta nova condição contemporânea. (Carlomagno, 1993).

Pelas palavras do arquiteto<sup>vi</sup>, “o nada” – como percebe a praia de Atalaia em seus primeiros contatos, viria a se transformar em um pedaço californiano no nordeste brasileiro. Afirma que apenas em Aracaju e na Califórnia é possível encontrar uma obra litorânea com essas dimensões, não que ele tenha proporcionado cópias, mas entende como sendo sua principal influência, entre tantas outras.

A partir de então, o projeto urbanístico da Orla começa a ser executado. A primeira grande intervenção que dá início a configuração que se entende na atualidade como Orla foi em 1993, durante a primeira gestão do então Governador João Alves Filho, desta época o único documento adquirido foi o memorial descrito. Considerando ser este sucinto, consistindo em apenas uma página, poucas foram as informações sobre a primeira intervenção que altera completamente a paisagem da zona costeira de Aracaju. Qualquer outro documento, seja projeto, licitações, ou informações sobre a execução da obra, não estão disponíveis em nenhum órgão estadual contatado ou mesmo com o próprio projetista. Apenas relatos jornalísticos, que segue, faz menção ao período:

O Projeto Orla foi concebido no início da década de 90 pelo então governador João Alves cuja primeira etapa foi inaugurada no fim do mandato dele, em agosto de 1994. As barracas sem nenhuma padronização dispostas ao longo da calçada deram lugar a coqueiros transplantados, quadras esportivas, calçadões, uma iluminação voltada para o mar e o famoso portal de entrada da orla, conhecido como Arcos da Atalaia. ([www.jornaldacidade.net/2008/noticia.php?id=20180\\_30/11/2008](http://www.jornaldacidade.net/2008/noticia.php?id=20180_30/11/2008)).

O Relatório Ambiental Simplificado (RAS)<sup>vii</sup> relata ser este “um importante passo para o desenvolvimento turístico sustentável da Cidade de Aracaju, visando atender o turismo interno e o externo, [o que] passa pela imprescindível revitalização e expansão da Orla de Atalaia” (RAS, 2003).

O texto informa ainda que o governo acompanhava e interessava-se pelas pesquisas relacionadas ao desenvolvimento turístico e reconhecia o aumento do número de turistas que procuram áreas naturais, principalmente as praias, o que garantiria o sucesso dos investimentos e colocaria Sergipe diante da “crescente indústria do turismo, uma das maiores atividades econômicas do mundo” (RAS, 2003).

Ressalta ainda que a Orla não é uma área de proteção ambiental, embora justifique a obra como de relevância para proteção e preservação do meio ecológico, sustenta a ênfase no pleno desenvolvimento econômico do estado pautado em um “turismo sustentável explorando os recursos naturais com a intenção formal não só de preservá-lo, como também de melhorar continuamente as condições ambientais, [além de] permitir à população usufruir desse excepcional atrativo turístico de forma segura e salutar” (RAS, 2003).

O aspecto do caráter sustentável do empreendimento é demonstrado em entrevistas e relatórios relacionados as construções e as reformas da Orla. Utilizam-se do conceito de ecodesenvolvimento<sup>viii</sup> para expor o respeito aos parâmetros legais da legislação de zonas costeiras e ambiental. Assim, a obra teria respeitado todos os limites ambientais, inclusive proporcionando melhorias ao ambiente com o saneamento da região.

Seguindo às obras, que são justificadas pelos objetivos ou pelo tipo de atividades que pode ser desenvolvida, como prefere o texto, são elencadas de forma a englobar todo o sistema de serviço público voltado ao “sucesso” do empreendimento, sendo eles:

- Meios de hospedagem: hotéis, pousadas, hospedarias,
- Entretenimento: clubes, parques de diversões, quadras esportivas, feiras de artesanato, praças, jardins, forró-dramas, boates, discotecas,
- Alimentação: restaurantes, cafés, bares, lanchonetes, sorveterias, cervejarias,
- Serviços: operadoras turísticas, agências de viagem, bancos 24 horas, centros comerciais, centros de informações turísticas;
- Sistemas de transporte;
- Unidades de segurança: móveis e fixas (proteção à população e aos turistas). (RAS, 2003)

A primeira parte executada do projeto foi a construção da Praça dos Arcos, que comportava os Arcos da Orla. Este espaço, segundo Carlomagno, tinha *priori* três objetivos: Inicialmente demarcar um momento de mudança, de uma nova orla, seria um marco entre o passado e o presente; Segundo, constituir-se em um símbolo para a cidade, algo que entendia não haver na cidade de Aracaju; E, por último, a propositura de ser este um espaço democrático, “algo simbólico que significaria a democratização do espaço público [...] seria uma espécie de púlpito, onde as pessoas, sindicalistas, artistas pudessem utilizar, um espaço popular que qualquer um teria acesso” (Carlomagno, 2010).

Os Arcos seriam um marco para o desenvolvimento da cidade, os Arcos simbolizariam a Orla, e esta por sua vez, seria simbolicamente o marco do desenvolvimento de Aracaju. O que segundo o seu idealizador técnico, teria atingido o objetivo:



Figura 8 - Arcos da Orla. Foto: Autor desconhecido. Fonte: [www.orladeatalaia.com.br](http://www.orladeatalaia.com.br).

A Orla mudou o costume das pessoas, mudaram os hábitos, a cidade ficou mais cosmopolita, a autoestima do sergipano melhorou muito com essa Orla. Ele começou a admirar mais a sua cidade, se sentir mais importante perante outras cidades com essa orla, não foi só a mudança do espaço físico, a mudança do espaço físico provocou uma mudança psicológica no sergipano. Era algo muito feio (a Orla), teve que se fazer uma maquiagem ali, teve que criar um cenário que apagasse a cor marrom do mar. Eu utilizo ali muito azul, e o azul meio que confunde o mar, o primeiro plano, aqueles azuis todos confundem com o mar, dá uma sensação de amplidão e até de mudança de cor do mar, essa foi a intenção (Carlomagno, 2010).



Figura 9 - Primeiras Intervenções. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico.

A partir de então o Projeto Orla intensifica seu processo de execução, iniciando do atual prédio do corpo de bombeiros da Atalaia até o hotel Celi, obra que compreende também os arcos. Posterior a esta obra, o projeto foi dividido em quatro partes, considerando que o então governador, João Alves, afastar-se-ia, em outubro deste mesmo ano, para concorrer às eleições. Assim, a partir dos Arcos da Orla, inicia-se o processo de construção do que viria a ser a Orla de Atalaia. A execução possibilita à época a construção do calçadão e de elementos paisagísticos “naturais”.

## **2. A reforma e consolidação de uma estrutura inacabada**

Em 2003 foi realizada uma reforma e ampliação da Orla de Atalaia, neste momento o espaço recebeu uma série de equipamentos e adornos com o objetivo de torná-la mais “bonita” e mais atrativa aos usuários e, principalmente, aos não-usuários. Esta obra foi divulgada em todos os meios de comunicação e o acesso a todos os projetos é facilitado, inclusive pelo processo de informatização do mesmo.

Denominada em alguns momentos como reforma e em outros de revitalização, a intervenção tinha como objetivo recuperar as obras realizadas anteriormente, além de implantar nova infraestrutura, que é justificada pela construção de novos espaços de entretenimento e pela possibilidade de geração de novos empregos.

O governo afirma, em matéria publicada em sua própria página na internet, que esta reforma vai “dar cara nova” a prédios públicos, aos equipamentos comunitários e a pavimentação da Orla, com a implementação de nova iluminação e alteração de todo o paisagismo.

Entre as principais obras realizadas neste momento estão: “O Mundo da Criança”, quadras esportivas, ampliação da área para eventos, ampliação da ciclovia, ampliação do calçadão, um caramanchão, entre outras.

A Orla é então dividida em quatro partes, essas compreendem situações distintas de uma totalidade que é a Orla de Atalaia. Buscar-se-á descrever a partir de projetos e reportagens, como foi estruturado cada trecho.

O primeiro trecho da Orla começa no Hotel Parque dos Coqueiros e termina na Passarela do Caranguejo. O projeto arquitetônico foi iniciado em abril de 2003 e desenvolvido pela empresa “Eduardo Carlomagno Arquiteto e Associados”. Este projeto previa a construção de 1.035 metros de ciclovia, 6,3 mil metros quadrados de calçadão, 240 metros de caramanchão, 7 quadras de vôlei de praia, 370 vagas para estacionamento de veículos, mesas de jogos e bancos, e ainda, reforma de toda a iluminação. A obra foi inaugurada em setembro de 2004, o investimento nesta região foi de aproximadamente 11 milhões de reais.

A segunda etapa da Orla iniciava na Passarela dos Caranguejos e finalizava na Praça dos Arcos. Neste trecho o projeto previa a construção de 736 metros de ciclovia, 5,7 mil metros quadrados de calçadão, parque infantil, 170 metros de caramanchão, duas quadras poliesportivas, um campo para *beach-soccer*, equipamentos de ginástica, mesas de jogos e bancos, 6 mil metros quadrados de jardinagem, incluído transplante de coqueiros, além da reforma dos muros da Praça dos Arcos e do prédio do Corpo de Bombeiro. Esta fase da obra foi inaugurada em 30 de janeiro de 2005, contou com a presença do governador e após a solenidade houve *shows* com bandas de forró e *axé music*.



Figura 10 - Mureta que delimita a Praça dos Arcos, predominância da cor azul. Fonte: Acervo pessoal.  
Autor: Autora.

O terceiro trecho da Orla foi demarcado entre a Praça dos Arcos e o Oceanário, previa em seu projeto a construção 7,3 mil metros de calçada, 1,3 mil metros ciclovia, caramanchão, mesas de jogos e bancos, 467 vagas para veículos e quadras poliesportivas. Posteriormente outros projetos foram apresentados para esta região, como por exemplo, o kartódromo.

O Kartódromo viria a substituir um existente no bairro Siqueira Campos, próximo ao centro da cidade. A justificativa do projeto dá-se pelo viés de mais atrativos turísticos, além de ser considerada uma obra de “imprescindível infra-estrutura, principalmente assegurando que não afetará negativamente a população e o meio ambiente” (RAS, IV, 2004). Além dos objetivos diretos, havia a compreensão de que poderia “trazer mais oportunidades de negócios em diversas áreas distintas, o que sem dúvida atrairá[ia] investidores de

outros estados e também de outros países, contribuindo sobremaneira para os ingressos financeiros necessários à melhoria da qualidade de vida da comunidade” (RAS, IV, 2004).



Figura 11 - Complexo Polidesportivo. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora

O quarto e último trecho iniciava-se no Oceanário e terminava no estacionamento da Orlinha. O governo do Estado considerava este trecho como o mais frequentado da Orla, onde eram encontrados restaurantes, hotéis e pousadas. O projeto para este setor previa a construção do Centro de Artesanato, que compreenderia uma área de 1,4 mil metros quadrados e disponibilizaria 72 boxes para comercialização de produtos artesanais produzidos por artesãos sergipanos. E ainda, 941 metros de ciclovia, parque infantil, 4,2 mil metros de calçada, reforma de quatro quadras existentes e construção de mais quatro – com previsão de ser construídas com piso macio e camada amortecedora, o que previne lesão muscular, 22 rampas de *skates* e parede de escalada. O projeto ainda contemplava o paisagismo, sendo toda área reformada com previsão de ter palmeiras imperiais e coqueiros.

Este último trecho do projeto da Orla foi dividido em duas partes, a segunda tinha como objetivo ampliar a já existente praça de eventos, a construção da Casa do Forró, que compreenderia uma área de 1.600 metros quadrados, toda projetada em madeira e vidro e com capacidade de receber mil pessoas.

### **Considerações finais**

Como descrito, a Orla de Atalaia é entendida como um espaço enobrecido, cujo espaço físico foi submetido a uma espécie de “revitalização urbana” (LEITE, 2008), ou seja, a uma “composição estético-visual [...] parte fundamental e constitutiva do planejamento urbano que intenta adequar as demandas de usos desses espaços da cidade às práticas de consumo visual” (LEITE, p. 179).

A tentativa de inserção da praia em um circuito turístico promoveu uma transformação paisagística que modifico o sentido de “estar na praia”, não apenas modificando como também rompendo com este sentido, e mais do que isto, criando um novo sentido para a cidade: o de “estar na orla”.

A intervenção urbanística, que tende a homogeneização dos usos de um determinado espaço, é percebida de forma particularizada na orla. De um processo que tende a homogeneização, aqui revela ser este um espaço heterogêneo, em que os antigos usuários não foram banidos, mas sim, realocados em espaços específicos. Isto garante, entre outros aspectos, a dissonante disposição socioespacial que se estabelece na Orla de Atalaia.

As temporalidades da Orla compraram-se ao movimento das ondas, tão dinâmicas como o ir e vir intenso da água do mar, que aqui são entendidas em rotinas, que compõem o cotidiano da Orla. Em vários momentos é possível perceber novos atores, novas dinâmicas, que embora se repitam em suas próprias temporalidades, são dinamicamente reorientadas pelo próprio ator, ou mesmo pela arquitetura, que, como já foi dito, está sempre sendo reformada, alterada ou inovada.

Além das temporalidades, os usos desses espaços, embora variados, são em sua maioria de banhista - o turista e o cidadão - o esportista e o caminhante. Além destes, são frequentes a presença de contra-usuários - os pedintes, os vendedores ambulantes e os flanelinhas.

Observa o caminhar, os passos, como inicia Michel de Certeau sua história sobre “A Fala dos Passos Perdidos” é possível perceber a dinâmica que se estabelece na Orla. Passos esses que não se pode contar, pois “cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apreensão cinésica” (Certeau, 1994, p. 176).

Acompanhando os passos na Orla, observa-se o deslocamento contínuo, a contemplação e as tensões estabelecidas por determinados grupos que demarcam seus lugares. A paisagem da Orla de Atalaia consegue atingir seu objetivo de criar uma “confusão” no reconhecimento do espaço, facilmente encontra-se pessoas afirmando que estão indo à praia e vão à Orla, que vão à Orla e estão indo a praia, ou dando ambas as respostas e vão tanto a praia quanto à Orla. Mas, mais do que isso conseguiu inserir Aracaju no trade turístico nordestino e hoje os *blogs* de viajantes e sítios de venda de pacotes turísticos, apresentam e comercializam a praia de Atalaia com a “Orla mais bonita do Brasil”.

Compreensão interessante ao justificar a manutenção do espaço como uma “centralidade”. As pessoas da cidade bem como os turistas se direcionam à Atalaia, vão à Orla de Atalaia, não passam despreziosamente por ela, tem como objetivo utilizá-la. As sociabilidades desenvolvidas neste espaço revelaram relações difusas, com variados usos, e fluída, alteradas em decorrência de variados fatores.

É possível afirmar que este não é apenas um espaço urbano, mas sim um espaço público, caracterização possível a partir mesmo de sua totalidade. O cotidiano inscrito da Orla de Atalaia, enquanto rotina que rompe com o cotidiano da cidade constitui-se em espaço público na medida em que se entende ser este um “espaço público interstício” em si. Segundo Leite, os “entre - lugares” configuram e qualificam os espaços urbanos como espaços públicos, exatamente por “que se tornam locais de visibilidade, de disputa simbólica, práticas de consumo e da busca de reconhecimento público da diferença” (Leite, 2010 p.196).

## Referências bibliográficas

Arantes, Antonio. A Guerra dos Lugares: fronteiras simbólicas e liminaridade no espaço urbano de São Paulo. In: Fortuna, Carlos (org) Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora, 1997.

de Certeau, Michel. A invenção do cotidiano: arte de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

Joseph, Issac. Civilidades. In Erving Goffman e a microsociologia. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2000.

Leite, Rogério. Contra-usos da Cidade. Campinas/São Cristóvão, Ed. UNICAMP/Ed. UFS, 2ª Ed. 2007.

\_\_\_\_\_. A Inversão do Cotidiano: Práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. Rio de Janeiro, 14º Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia –SBS, 2009.

Pais, José Machado. Sociologia da Vida Quotidiana. Lisboa, ICS, 2007.

Rubino, Silvana. “Gentrification”: notas sobre um conceito incômodo. In Schicchi, M. C. S. & Benfatti, D. (orgs.). Urbanismo: dossiê São Paulo – Rio de Janeiro. Campinas, PUCCAMP/PROURB, 2003.

Zukin, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: Arantes, Antonio (org.) O Espaço da Diferença. Campinas, Papyrus, 2000.

Secretaria do Patrimônio da União, Documentos de Gestão, disponíveis no endereço <http://www.spu.planejamento.gov.br>

Projeto Orla - Subsídios para um Projeto de Gestão, Secretaria do Patrimônio da União/SPU, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/MP e Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental/SQA, do Ministério do Meio Ambiente/MMA. Brasília, 2003.

Projeto Orla - Fundamentos para uma Gestão Compartilhada. Secretariado Patrimônio da União/SPU, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/MP e Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental/SQA, do Ministério do Meio Ambiente/MMA. Brasília, 2003.

### **Entrevistas**

Professor Luiz Antonio Barreto: Em 13/04/2010

Arquiteto Eduardo Carlomagno: Em 16/04/2010

Ex-governador João Alves Filho: Em 16/06/2011

### **Sites pesquisados**

<http://www.informesergipe.com.br>

<http://www.scribd.com>

<http://www.orladeatalaia.com.br/galeria.htm>

<http://www.cmaju.se.gov.br>

<http://www.aracaju.se.gov.br>

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=726554>

<http://www.infonet.com.br>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.wildnatureimages.com/Laguna%2520Beach>

---

<sup>i</sup> “constitui a faixa de contato da terra firme com um corpo de água e pode ser formada por sedimentos não consolidados (praias e feições associadas) ou rochas e sedimentos consolidados, geralmente na forma de escarpas ou falésias de variados graus de inclinação” (MUEHE, 2004:11)

<sup>ii</sup> O estudo foi realizado por Maria da Glória Monteiro, cuja tese intitulada “A restinga da Atalaia” foi defendida no concurso de cátedra de Geografia do Colégio Estadual de Sergipe em 1964, com posterior publicação.

<sup>iii</sup> Fragmento de matéria publicado no Jornal da Cidade, 1998, assinada por Valéria Mendonça, cuja moradora Vitalina Rodrigues de Souza afirma ter nascido no então povoado localizado na praia de Atalaia.

<sup>iv</sup> Historiador sergipano em entrevista concedida em novembro de 2010.

<sup>v</sup> Parte componente do projeto arquitetônico, cujo conteúdo busca elucidar a concepção teórico-ideológica do autor do projeto.

<sup>vi</sup> Entrevista concedida em 16/06/2011

<sup>vii</sup> Relatório Ambiental Simplificado foi finalizado em 2003, após o final da última etapa de construção da Orla de Atalaia.

<sup>viii</sup> Visão moderna do desenvolvimento consorciado com o manejo dos ecossistemas, procurando utilizar os conhecimentos já existentes na região, no âmbito cultural, biológico, ambiental, social e político, evitando-se assim a agressão ao meio ambiente. (RAS, 2003)